



*«(...) aquilo que os gregos chamam alêtheia,
a desocultação, o descobrimento.
Aquele olhar que às vezes está pintado
à proa dos barcos.»*

Sophia de Mello Breyner Andresen

JOANA M. LOPES

A VIDA DE UM
HOMEM QUE PERSEGUIA **POEMAS**
ROMANCE



ALETHEIA
EDITORES

UMA CASA NA ALDEIA

Quase vinte anos depois, regresso à aldeia, regresso a esta casa, regresso a mim. Estremeço, sou um homem que vem para morrer, sou um homem que vem para nascer dessa morte, agora que estou finalmente lúcido, venho curar-me.

Empurro o pequeno portão, uma aura de folhas acumuladas ao longo de excessivos outonos de ausência dança em torno dos meus pés. Avanço por cima das grandes lajes de xisto que desenham um trajeto negro até à porta de madeira embrutecida por anos de nublosa solidão. Dos dois lados do caminho de pedra que agora atravesso, há um quintal bipartido, onde antes a minha avó jardina-va com dedos gretados pela violência de retirar da terra o sustento. Colocava pequenas sementes nos canteiros, com uma delicadeza que não parecia poder vir daquelas mãos feias. As sementes, no silêncio do solo, obedeciam aos desejos da minha avó de fazer do mundo um lugar bonito. No correr da primavera, estes dois pequenos pedaços

de terra eclodiam em perfumes e cores variadas, em forma de junquinhos, petúnias e gerânios. A minha própria avó cheirava ao mesmo que este jardim e eu, encantado com essa fragrância, imaginava as enigmáticas razões de ter uma espécie de mãe velha que cheirava tão bem. Eu sabia que as pequenas sementes se infiltravam nas fendas das suas mãos e que ficavam silenciosamente germinando dentro dela. Depois, porque no peito da minha avó havia sempre um sol, imaginava as flores emergirem ao contrário, não para fora, mas para dentro, para dentro da minha avó velha, como se fossem flores graciosas a nascer para os segredos da terra, a enfeitar o escuro e aquilo que ninguém vê. Mas eu via, eu via esse jardim de flores campestres que ela trazia escondido, eu sentia o perfume. Eu sabia que, por baixo da pele antiga, a minha avó era feita de flores e pequenos insetos. Sabia que era assim e por isso, quando ela chorava, sabia que os seus olhos derramavam seiva igual à das árvores quando lhe amputam um ramo.

Neste instante sinto saudades, fecho os olhos, inalo o ar procurando um vestígio da sua presença extinta, não há aquela fragrância floral, em meu redor há um festim de mato de ervas altíssimas onde se enrolam outras trepadeiras, num abraço de afeto verde, que cheira a isso mesmo, botânicas linfas misturadas.

Junto ao muro vejo que o bloco de tijolo ainda subsiste. Aproximo-me, exploro com um dedo o terceiro orifício, espanto-me ao perceber que as chaves da casa permanecem no lugar onde as deixei. Agarro-as com força entre as palmas suadas. Agora estou frente a frente com a porta, a mão treme-me ao colocar a chave na ranhura do canhão. Giro-a uma e outra vez, ouço o estalido de língua

da fechadura, empurro a porta e a luz quente dos últimos raios de sol, invade o *hall*. Tudo permanece fantasmagoricamente na mesma ordem antiga. Antes de entrar, movimento os pés como se, por baixo deles, existisse um tapete onde fosse possível libertar-me da sujidade de uma vida.

Dou um passo em frente, acendo a luz, inspiro, fecho a porta, movendo apenas o braço. Aproximo-me do móvel comprido à esquerda. Sobre o seu dorso de madeira repousam sete fotografias que a minha avó, depois de limpar o pó, harmonizava numa sequência de árvore genealógica. Ao centro, a fotografia da criança que fui, ladeada por dois retratos gémeos da minha mãe jovem e sorridente. A imagem maternal, pousada à direita, é seguida por uma fotografia antiga da minha avó vestida de noiva e a imagem que está à esquerda é seguida por uma fotografia cinzenta do meu avô com as sobrancelhas contraída. Depois de cada um dos meus avós maternos, seguem-se um par de molduras com imagens a sépia de figuras inflexíveis de antepassados, pais de meus avós, avós de minha mãe e meus bisavôs. Recordo-me que, de vez em quando, me punha em frente aos retratos e tentava ganhar coragem para perguntar à minha avó, porque não havia uma fotografia do meu pai no móvel. Olhando para as molduras, relembro a sensação de achar que era filho de uma mãe bifurcada. Mais tarde, soube a resposta, percebi a razão de ninguém querer a mais leve recordação do meu progenitor.

Agora que passo os dedos sobre os caixilhos, de onde se elevam minúsculas partículas de pó, lembro-me das vezes que me punha a brincar com as imagens, fazia um espécie de comboio onde punha os velhos de sépia numa extremidade, seguindo-se os meus avós acinzentados, depois

a minha mãe e, no começo de tudo, eu. Era uma espécie de jogo de inventar uma versão da história em que eu poderia ter desaparecido primeiro que a minha mãe, em que era o pai de todos e, por ser mais velho, não ia ver ninguém morrer. Por causa deste jogo que fazia secretamente, quando me perguntavam o que queria ser quando fosse grande, eu respondia sempre, velho, o mais velho de todos. As pessoas riam.

Viro à direita e entro na cozinha. Puxo o estore que oculta a luz da rua. A janela aberta, mesmo em frente ao lava-loiça, dá para a entrada com o caminho de xisto que acabei de percorrer, os vidros deixam entrar os últimos raios de sol que reavivam as cores das prateleiras onde a minha avó pendurava tiras de tecido com flores e rendas, como se quisesse trazer sempre o jardim para dentro de tudo. Os pratos de barro pintado permanecem nos mesmos sítios; o armário por baixo do lavatório continua com a porta empenada; a mesa de madeira, onde comíamos os três, conserva os mesmos traços toscos, as mesmas manchas de tachos ferventes e gorduras antigas a desenhar aquilo que eu via como um mapa-mundo, com terras e oceanos para os quais inventava nomes, enquanto me alimentava, curvado e silencioso.

Abro a torneira para confirmar se ainda corre água, o cano metálico arrota, como se acordasse à força com uma violenta crise gástrica, vomita um jato de água ocre que se interrompe em intermitências de novas eructações. Reduzo o fluxo, deixo correr a água para clarear. Acendo a luz e fecho o estore, não quero que percebam que há gente em casa, esta noite preciso de estar só. Fico em frente ao lava-loiça aguardando a chegada da transparência da água, só depois disso, me permito fechar a torneira que

começa a pingar ritmadamente, como se recusasse a hipótese de mais anos de segura.

Volto ao corredor, atravesso-o. Confronto-me com o grande móvel escuro e com o seu espelho velho ovalizado que reflete a minha figura disforme e ondulante. Por cima da pedra de mármore branca, uma figura de São José com o menino ao colo.

Quando era criança, imaginava sempre que o São José era o meu pai francês, eu, o menino Jesus e que as flores que José transportava eram aquelas que pousaríamos junto ao poço, no dia do meu aniversário. Idealizava que seria assim que meu pai chegaria de França, sem bagagem, nem a promessa de presentes que nunca chegavam, carregando apenas umas flores ressuscitadoras que só poderiam ser colhidas em longínquos e exclusivos jardins. Eu acreditava que meu pai andava buscando a cura para a morte da minha mãe e que era essa a nobre razão da sua prolongada ausência. Ingenuamente concebia um pai que andava nos campos de França, não colhendo maçãs, mas sim apanhando estas flores miraculosas com poderes capazes de devolver, aos mortos, a vida. À noite, depois da oração do anjo da guarda, fechava os olhos, por baixo das minhas pálpebras, visualizava-o chegando com o maravilhoso ramo de folhas e pétalas francesas, vindo com o coração transbordando saudade e amor, pesaroso e cheio de culpa por tanto silêncio. Imaginava-o abeirar-se de mim, passando as suas mãos nos meus cabelos, pegando-me ao colo, igualzinho ao São José com o menino, explicando-me que vinha pedir um perdão genuíno à minha mãe. Fantasiava que, no momento em que nos ajoelássemos junto ao poço, no instante em que ele pousasse o ramo no rebordo de pedra fria, no segundo em que vertesse a

lágrima suprema do arrependimento e esta se fundisse com a água lodacenta ao fundo, uma espécie de feitiço se quebraria e a minha mãe voltaria à vida, descendo linda de uma qualquer nuvem, para inventarmos uma estirpe nova, uma daquelas famílias felizes que via nos anúncios televisivos, quando o meu avô me consentia assistir a um pouco de televisão. Por conceber tudo isto dentro da minha infantil cabeça, eu conseguia, apesar de tudo, amar o meu pai invisível.

Pego na estatueta, vejo como ainda brilha um fio de cola seca que há muito escorreu e cristalizou do pescoço do santo. Fui eu quem decapitou José, um dia depois do meu nono aniversário e foi a minha avó, com as suas mãos grossas e feias, quem o restaurou da minha ira. Na primeira manhã dos meus nove anos, corri a casa da vizinha Maria. A vizinha Maria era entrevada das pernas, andava a custo com umas muletas, era viúva e sem filhos, não podia fazer mais nada além de uma colcha de renda que se infinitava dia após dia. A vizinha fazia a colcha infinita, esperando a visita de uma sobrinha, a quem a ofereceria no dia em aparecesse. Desde que a penosa doença se lhe infiltrara nas veias das pernas, passava os dias sentada num velho cadeirão puído, costurando a eterna colcha, pondo linhos e ervas sobre feridas negras e esperando o nada. Quando apareceram uns homens dentro de uma carrinha, usando fatos de macaco azuis e perguntando onde haveria de ficar o telefone da aldeia, todos os vizinhos de coração piedoso, apontaram a casa da vizinha Maria, concordando entre si, que lá é que o telefone ficava bem, que ser telefonista era o trabalho ideal para a vizinha entrevada, e que assim, nunca se haveriam de perder as raras chamadas. A vizinha emocionou-se muito e

levou tão a sério a responsabilidade de ser a telefonista da aldeia, que mandou trazer a cama para o lado da mesa do telefone e até tinha o penico sempre por perto, não fosse o aparelho tocar na hora em que estivesse dormindo ou escalgalhando-se, como ela dizia. Empolgada em cumprir com o maior zelo a sua missão, mandou que se pusesse uma sineta na porta da casa, de modo a que, quando alguém telefonasse, ela pudesse puxar um fio de sisal umas tantas vezes, emitindo uma espécie de código morse, inventado entre todos, e que identificava quem deveria vir atender a chamada. Lembro-me que naquele dia em que o calendário marcava o meu aniversário, apesar de não ter ouvido a sineta uma única vez, corri a casa dela para perguntar se o meu pai tinha ligado para me dar os parabéns. Ir a casa da vizinha Maria entrevada, era o que eu fazia sempre que tinha saudades dele ou precisava de reforçar a minha fé nas suas buscas pela flor milagrosa. A vizinha contava-me tudo sobre as chamadas enquanto chupava rebuçados de anis que também me oferecia. Pelo que ela me dizia, o meu pai ligava sempre quando eu estava perdido no sono, ou na escola, ou em algum sítio onde o som da sineta não chegava. Eu arreliviava-me com isso, com nunca ter conseguido ouvir a voz dele ou saber coisas específicas sobre as suas buscas pelas flores. A vizinha acalmava-me, explicando que na França tudo era diferente, que não havia telefone público como na aldeia, havia um telefone ambulatório que andava de mão em mão, dia e noite girando, e que cada um que o recebia, só o podia usar por breves instantes e, grande parte das vezes, em horas impróprias. A vizinha consolava-me dizendo que, até à data, eu e o meu pai ainda não tínhamos tido a sorte de o telefone lhe calhar nas horas em que eu

estava em casa, mas que esse dia haveria de chegar, que o importante era ter esperança. Por conta destas explicações, eu achava a França uma nação desorganizada, mas obedecia, acalentava expectativas e por isso sonhava com o dia em que aparecessem novamente os homens de macacão azul lá na aldeia para os mandar ir àquele estranho país montar um telefone público. Haveria de lhes dizer o nome todo do meu pai, para que eles o procurassem e instalassem o telefone na casa dele, assim poderíamos falar todos os dias.

Recordo agora com clareza que, nesse dia, a vizinha, sabendo do meu aniversário, sorriu e disse que sim, que por sorte o aparelho telefónico tinha parado nas mãos do meu pai.

Na sua voz de reбуçado, explicou-me que ele ligara muito cedo, dizendo que tinha vários presentes para me entregar, quando viesse outra vez para casa. Havia os presentes dos meus sete, oito e nove anos e que este último era o mais lindo de todos, porque se tratava da prenda que eu mais sonhara. Lembro-me que quando ouvi isto comecei a chorar de alegria, porque na minha ilusão, o presente que eu mais sonhara só podia ser o ramo de plantas ressuscitadoras. Certamente que o meu pai as achara. Perguntei à vizinha se ele tinha falado em flores. Ninguém sabia desta coisa de eu achar que o meu pai andava em busca de flores especiais, eu guardava este segredo só para mim, porque a minha avó me havia ensinado que, quando se desejava muito uma coisa, não a podíamos contar a ninguém, só com o silêncio se podia garantir que o nosso sonho não era desfeito na inveja dos outros. A vizinha, alheia à razão do meu choro, respondeu que sim, que ele dissera que na França havia flores muito bonitas e que havia de trazer

sementes para a minha avó ter *bouquets* franceses a nascer no jardim. Pus-me a imaginar que com as flores mágicas talvez se pudesse ressuscitar todos os mortos do cemitério. Haveria de se fazer uma linda festa por haver outra vez gente dentro de todas as casas da aldeia. Quando lhe perguntei se ele havia falado em data de regresso, a vizinha começou a dizer que sobre isso nada lhe havia dito, mas que certamente não devia tardar muito. Enquanto ela me afagava os cabelos, pedi-lhe que me falasse mais dos presentes que meu pai haveria de trazer. Ela consentiu contar tudo, desde que eu parasse a choradeira. Limpei as lágrimas à manga da camisola de lã e estava escutando atentamente a detalhada descrição de um carrinho de puxar com cordas, quando o meu avô entrou sorratamente pela porta de casa farejando a nossa conversa. Parou uns segundos a olhar para nós e depois, como uma grande sombra que explode a comer a luz, encheu a casa de escuro e ofensas à vizinha Maria entrevada. Puxou-me pelo braço e arrastando-me, gritou que era mentira, que o meu pai não queria saber de mim, que estava na França ou na puta que o pariu, que para ele era igual, e que eu, que tinha a tromba chapada dele, não me atrevesse a voltar àquela casa para perguntar pelo desgraçado. Urrou que o meu pai tinha outros filhos, outra mulher, que não estava morta, outra família inteira. Lembro-me de olhar para a vizinha que chorava tanto quanto eu e que gritava para o meu avô se calar, dizia que ele era um velho velhaco, enquanto levantava as muletas no ar como se fossem uns grandes braços com que lhe quisesse bater.

Chorei muito nesse dia, o meu avô fechou-me num curral desabitado de bichos dóceis e jurou que me bateria mais se voltasse a perguntar pelo estafermo. O antigo

currel da cabra, lugar aranhento, era onde ele me fechava sempre que achava que me portava mal, ou quando estava bêbado, ou quando o dia não lhe corria bem. Ele sabia que eu tinha medo de aranhas e por isso trancava-me naquele lugar feio, dizia que os homens não tinham medo dos bichos, só os maricas tinham. Se eu tinha medo, era um maricas e que tinha de deixar de ter medo, para deixar de ser maricas. Eu ficava no escuro sem conseguir ver nada, mas na minha cabeça, sabia que as paredes estavam cheias de aracnídeos, bichos balofos e peludos pendurados em finas teias, a fazer danças e rendas estranhas com as patas. Tinha medo que as aranhas descessem das vigas e me enrolassem naqueles fios, por isso chorava. Lembrou-me que nesse aniversário, não ouvi ninguém cantar-me os parabéns, a única coisa que escutei, por trás da porta de chapa, foi a minha avó suplicar ao meu avô, que me soltasse, que era dia dos finados, que tinha de me levar ao cemitério para pôr flores na campa da minha falecida mãe. Ouvi-o responder que eu não ia a lado algum. A avó gritou perguntando pelas chaves e depois só ouvi um estrondo e aquilo que supus ser um corpo tombando no chão. Chorei até cair exausto na palha.

Quando acordei, estava na minha cama, na cama que tinha sido da minha mãe, ao meu lado havia uma fatia de bolo embrulhada num guardanapo, mas eu não tinha vontade de coisas boas. Abri a janela e esmigalhei-o, imaginando como seria um dia de festa numa família de formigas. Recordo-me que, imediatamente a seguir a este pensamento, saí do quarto, movimenteiei o corpo em direção ao grande móvel, com as mãos migalhosas peguei no São José e fugi com ele para o pátio nas traseiras. Não vi ninguém, por isso aproximei-me sem pressa do

tanque onde a minha avó lavava a roupa, elevei o santo no ar e desci-o vertiginosamente de modo bater com ele na esquina de cimento. A cabeça do São José rebolou desamparadamente no espaço e embateu no solo, rodopiando como um pião em torno de um eixo invisível. Olhei para a figura decapitada e pedi que, por feitiço, algures nessa tal França a cabeça de meu pai também estivesse rolando entre maçãs, que meu pai estivesse sentindo o mesmo que agora se estava a passar com o santo. Após uma sequência galopante de pensamentos de vinganças e feitiçarias filiais, vi que me sobrava na mão um corpo sem cabeça. O decapitado segurava com uma graciosidade imutável o menino e as flores. Agora, à luz da idade adulta e meditando sobre o assunto, compreendo o que me doeu na figura desfeita de José dando colo a Jesus. Era aquela fisionomia de barro, desprovida do bolbo do discernimento, incapacitada de ver e ouvir, que permanecia de corpo intacto agarrada à criança, amando-a incondicionalmente, apesar das circunstâncias. Talvez por isso, mesmo sem o pensar, tenha atirado os destroços do santo, as flores e o menino para dentro do tanque, para que se afogassem as ideias que me faziam sonhar com milagres e amores paternais.

Foi a minha avó, com a cara pisada, com um amor-perfeito arroxeadado a enfeitar-lhe a órbita ocular, quem encontrou a cabeça do São José no chão e o corpo, no fundo do tanque. Não me perguntou nada, só a vi com um fluxo de seiva a escorrer-lhe dos olhos negros e o tubo de cola a fazer daqueles pedaços de barro, um santo outra vez. Creio que soube que fui eu quem decapitara o sacro boneco, mas não disse palavra alguma sobre o assunto, não fez perguntas, e eu sei que o seu silêncio foi porque não suportaria ver-me a levar mais uma tarefa do meu avô.

Inspiro profundamente, resgatando-me para o presente. Sinto esta estranheza de ver tudo animar-se ao meu redor, num rodopio de memórias onde se avivam sensações e coisas sobre as quais não pensava há anos. Há uma vertigem temporal entre mim e os objetos e sinto-me a desequilibrar entre o antes e o agora.

Pouso o santo remendado no móvel e avanço para o lado oposto do coração. À minha direita, fica a sala onde raramente se ia. Abro a porta, a luz do corredor já não chega aqui, por isso pouso a mão no interruptor e a lâmpada, muito fraca, ressuscita em lampejos. Era nesta divisão que se comia em espaçadíssimos dias de festa. Comemorações melancólicas, natais e páscoas celebrados num solitário triângulo escaleno, composto por mim e pelos meus avós. Era aqui, dentro destes dois armários vítreos que a minha avó arrumava milimetricamente o serviço de loiça que se usava na mesa. Chávenas e pratos níveos debruados com pequeníssimas flores azuis, jardins verticais, organizados uns sobre os outros ansiando a alegria do uso numa festa que fosse feliz de verdade. Eu ajudava a minha avó a pôr a mesa, puxava o lustro aos copos, dobrava escrupulosamente os guardanapos, pousava os pratos esmeradamente sobre a toalha de linho perfeitamente engomada, mas se o meu avô entrava em casa, logo me embrutecia nos modos, fingindo-me contrariado na feminina e delicada tarefa. A minha avó vinha por trás e endireitava garfos e facas, como se adivinhasse o quanto me custava ver o descuido no meu trabalho. Na hora da refeição o silêncio era interrompido apenas pelos sons de mastigação do meu avô e pelos talheres a tinirem nos pratos ou a roçarem uns nos outros. Nestas alturas, pensava como os objetos se animavam com mais facilidade do que as próprias

peessoas, como naqueles sons parecia habitar uma alegria que celebrava o reencontro após meses de imobilidade e recato. Sentia que tudo poderia ser mais feliz do que eu e por isso sentia falta da minha mãe, agigantava-se a ausência do prato dela ao lado do meu, do seu cuidado em descobrir espinhas, desfiar o bacalhau, cortar as couves como se a minha boca fosse igual a um bico de passarinho que só soubesse comer coisas minúsculas. Evocando esse tempo remoto, relembro que o que mais me faltava era a alegria dos primeiros natais, daqueles em que vínhamos os dois, eu e ela, ajudar a minha avó a fazer um presépio com musgo, pequenas figuras coloridas, pedrinhas e papel de prata.

Invade-me uma infantil melancolia ao dar conta do quão distantes estão, esses natalícios momentos, deste fim de tarde. Baralho-me em confusos cálculos mentais tentando quantificar os anos que entretanto passaram, apercebo-me que por conta desta tentativa de contabilizar o tempo, me trespassam memórias de consoadas, todas flutuando ao meu redor numa desordem cronológica. No instante seguinte desisto desta matemática emocional, reposiciono-me no tempo e no espaço, volto ao presente e avanço até à janela que dá para as traseiras onde fica o pátio e a horta. Puxo o estore, a fita crestada solta pequenas partículas brancas que se agarram às mãos. Sacudo-as uma na outra e enquanto isso os meus olhos já se perdem na imagem para lá do vidro da janela. Observo como a vegetação galgou as terras em expansões subtis e silenciosas. Há neste cenário uma violenta delicadeza, uma nação de ervas daninhas que há décadas rasga em silêncio o cimento. Elevam-se plantas de folha larga em caules estreitos, todas lembram bandeiras verdes,

consagrando a vitória da natureza sobre a construção do Homem. Olhando para isto, imagino que seria assim que se haveria de pôr o mundo se a humanidade evaporasse, uma festa cor de esmeralda e o zumbido de insetos buliçosos. Por enquanto, o vidro impede que o reino natural se instale na sala, por isso deixo o estore aberto, para que a claridade do final de tarde possa infiltrar-se nas entranhas ressequidas da casa. Sei que pelas traseiras ninguém saberá que há gente em casa, este pensamento e a luz que ainda emana do mundo, leva-me até outra divisão onde o sol ainda pode entrar sem perigo. Saio da sala, passo em frente ao grande móvel e à porta das traseiras que se abre para o espaço entregue ao mato. Depois desta porta para o mundo exterior, encontro uma outra que fica mais à esquerda que guarda o quarto singelo dos meus avós. Lembro-me nitidamente, uma frígida cama tapada por uma coberta branca, um crucifixo por cima, duas mesas-de-cabeceira, um roupeiro e no ar um cheiro constante a álcool canforado com que os meus avós se esfregavam, para afastar as dores antes de dormir. Acendo o candeeiro de teto, encontro tudo igual, exceto o cheiro que se evaporou há muito. Dirijo-me à janela que também abro, a paisagem é igualmente anárquica e vegetativa. O sol penetra o quarto, a luz incide no espelho do roupeiro e o ambiente ganha uma luminosidade emprestada do céu da aldeia. Acompanhado desta luz, sento-me sobre a cama, passo demoradamente os dedos sobre a colcha decorada com rugosos padrões feitos no tear, a textura lembra-me as mãos-avós, cansadas e fendidas, por isso dou festas na manta como se fosse possível voltar a tocar nela, como se esta manta fosse um velho e dócil animal, repousando eternamente sobre o leito. Levanto-me devagar, como se

não quisesse acordar a criatura que acabo de imaginar e retomo a viagem pela casa. Ao lado do quarto dos meus avós, fica a pequena casa de banho com azulejos castanhos. Vejo-me refletido no armário espelhado onde a minha avó se observava durante a tarefa de transformar o seu compridíssimo cabelo numa rodilha entrançada, presa na nuca. Era no interior deste armário que o meu avô guardava os seus pertences de higiene sumária, um pincel e as lâminas gastas para se barbear. Abro a pequena porta e fecho-a logo de seguida, depois de confirmar que os utensílios másculos permanecem ao lado de outras miudezas de foro higiénico. No lavatório resiste um pedaço de sabonete Feno que, apesar de crestado, ainda perfuma levemente o ar. Viro-me para o lado contrário ao espelho, fico de frente com a cortina pontuada de fungos negros, por trás encontro a banheira amarelecida pela água férrea. Por uma questão de curiosidade e diagnóstico funcional da habitação, abro todas as torneiras e despejo o autoclismo, instala-se uma estrondosa sinfonia aquática na divisão. A água barrenta salpica em todas as direções, suja-me a roupa e por isso me apresso a fechar tudo. Restabelecido o silêncio, abandono o cubículo e dirijo-me para aquela divisão que deixei para o fim.

Aproximo-me da porta, paro diante dela. Sinto pulsões na garganta que parecem ressoar pela casa. Por fim, ganho coragem, pouso a mão na maçaneta fria e como se uma parte de mim se quisesse distrair da sonoridade cardíaca ao meu redor, fico uns instantes a olhar para a nódoa de água lamacenta que tenho no dorso da mão. Quase involuntariamente giro o pulso para a direita, a porta abre-se. Aqui dentro encontro uma escuridão que me lembra um impenetrável bloco de ónix. Temo que este negro absoluto

tenha devorado tudo, que nada sobre se não um altar vazio. Assusto-me com a ideia de que, após tantos anos de ausência, todas as coisas neste quarto se tenham tornado indizíveis. Sobretudo, temo acender a luz e não achar memória alguma, porque eu sei, eu sei que as memórias estarão sempre algures dentro dos meus olhos e neste momento para eles tudo é escuro. A minha mão esquerda desliza pela parede procurando com urgência acender o candeeiro. A lâmpada ilumina agora a ininterrupta realidade que há anos repousa neste quarto, a luz resgata o todo da densa sombra e tudo se assemelha a um bando de pombas que se eleva depois de uma eternidade subterrado no fundo do esquecimento. O passado ganha forma neste segmento de tempo, materializa-se à frente dos meus olhos, como se agora as aves agitassem as asas e todo o pó suspenso, por anos e anos, nas penas e plumas se espalhasse diante da minha face, como partículas iguais a telas de cinema onde se projetam, em simultâneo, frações de um tempo muito antigo. Ali estou eu, vejo-me deitado por baixo da cama, abrindo as gavetas da mesa-de-cabeceira, escondendo tesouros no roupeiro, chorando à janela. Foi aqui que tudo começou, neste meu quarto de meia-infância, o quarto estreado pela minha mãe menina. Por ter sido aqui o começo, obriguei-me a voltar, voltar a esta divisão de uma sagrada geometria, a esta casa, a esta aldeia, para descobrir a derradeira alquimia que há em asfixiar um homem, em se matar a si mesmo para se conceder à oportunidade de uma nova vida, à transmutação do podre ao puro, da mentira à verdade.

Aproximo-me da cama, sento-me na beira do colchão, estico a mão para a mesa-de-cabeceira e puxo a gaveta vazia. Retiro-a na totalidade, viro-a ao contrário, pouso-a ao meu colo. O meu corpo treme, vejo todo o tampo

escrito, coberto de palavras desorganizadas. Foi neste elemento isolado do móvel que me aconteceu pela primeira vez tentar escrever em segredo sobre as coisas. Foi aqui que comecei a escrever sobre coisas, em cima das coisas.

Acredito que alguns eventos desencadearam a minha doença, ou o que lhe queiram chamar, e por esses eventos terem começado aqui, nesta casa, nesta aldeia, creio que só neste lugar poderei restabelecer a minha paz, a minha liberdade, a minha verdade.

Sinto as mãos a encherem-se de suor e revivo com total nitidez um desses dias que me marcaram. Vejo-me e sinto-me encolher, quase que acredito que este colchão é a cadeira e a gaveta, a carteira da escola primária.